

# Entre fronteiras nacionais e sexuais: narrativas de venezuelanos “gays” em Boa Vista, Roraima

*Caobe Lucas Rodrigues de Sousa\**  
*Márcia Maria de Oliveira\*\**

## 1 INTRODUÇÃO

Pessoas venezuelanas têm se deslocado em um intenso movimento migratório nos últimos anos para países que fazem fronteira com a Venezuela, como o Brasil. De acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR, 2021), mais de 5,4 milhões de venezuelanos/as deixaram seu próprio país recentemente. Este artigo é o resultado de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender alguns desses processos de mobilidade na cidade de Boa Vista, no extremo norte brasileiro, a partir das narrativas de pessoas venezuelanas que se identificam como homossexuais masculinos ou “gays”<sup>1</sup>. Consideramos a sexualidade como uma dimensão determinante nas experiências de mobilidade a partir de uma perspectiva interseccional, que, conforme demonstrado por Crenshaw (2002), é urgente nas análises sobre discriminações e violências. A premissa desta abordagem analítica contribui para compreendermos como a sexualidade se entrelaça com outros marcadores sociais como raça, classe, gênero, nacionalidade, religião, entre outros, na produção de diferenças e, por vezes, violências (CRENSHAW, 2002).

Partimos da ideia de que, por um lado, sujeitos que rompem com as convenções normativas de gênero e sexualidade “estão particularmente expostos a situações de violência e discriminação” (CARRARA, 2013, p. 145). Por outro, a pessoa que transita para um outro território nacional passa a ser interpelada por diferentes categorias de identificação, inserindo-se em novas relações, podendo ser categorizada como “estrangeiro”, “migrante”, “refugiado” e, especificamente, no caso do contexto pesquisado, “venezuelano”. Este último adjetivo, para alguns brasileiros, tem sido carregado de sentidos muitas vezes pejorativos. Isso

---

\* *Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Sociedade e Fronteiras e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: caoberodriguess@gmail.com*

\*\* *Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras e no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). E-mail: marcia.oliveira@ufrr.br*

tem acontecido particularmente nos últimos anos com a intensificação desses processos migratórios no país e com o recrudescimento de discursos e práticas tidas como xenofóbicas (SARMENTO; RODRIGUES, 2018).

Para compreender como estes marcadores operam e são operados e, mais especificamente, como se entrelaçam e se constituem mutuamente na vida social e subjetiva, entrevistamos três pessoas diretamente envolvidas nessas relações de poder conjuntas: Reinaldo, Ángel e Manuel<sup>3</sup>. A partir de conversas com eles, pudemos tecer algumas reflexões e associações sobre como ocorrem essas relações, atentos para outros marcadores como raça, classe e geração, propondo e problematizando algumas conexões entre violência, sexualidade, migração e nacionalidade, que serão apresentadas a seguir<sup>4</sup>.

## 2 A MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM BOA VISTA, RORAIMA

No território brasileiro, há uma transformação tão intensa – principalmente no estado de Roraima que faz fronteira com a Venezuela – que não se pode mais pensar a respeito da “migração venezuelana” como algo separável da realidade da região. Observamos muitas formas de nomear, posicionar e classificar esse evento, conforme contextos, retóricas e interesses próprios de atores sociais, que, muitas vezes, estão diretamente envolvidos. Para as mídias tradicionais, como televisão e jornais, é uma “crise migratória”; para as agências internacionais das Nações Unidas, trata-se uma “crise humanitária”; para a administração pública brasileira, uma “calamidade pública”, diante da qual a palavra “emergência” é constantemente acionada em medidas administrativas. Em 2018, é iniciada a ‘Operação Acolhida’, descrita como uma “força-tarefa logística humanitária” e comandada pelo Exército Militar Brasileiro. As ações da operação são empreendidas em parceria com outros atores sociais, sendo os principais parceiros as agências internacionais humanitárias não governamentais e também a sociedade civil<sup>5</sup>.

No campo social, não são raras as reações negativas frente ao “estrangeiro”, principalmente por parte da “sociedade local”. A discriminação contra o/a migrante pode ser exemplificada por um acontecimento reportado em março de 2018, em que um grupo de brasileiros invadiu um prédio ocupado por pessoas venezuelanas na cidade de Mucajaí (município ao lado de Boa Vista), expulsou os migrantes e incendiou seus pertences<sup>6</sup>. Além das violências incitadas por pessoas da sociedade civil, a militarização das políticas migratórias, nos estados que mais recebem migrantes e refugiados, tem levado a alguns questionamentos sobre violências exercidas pelos próprios “agentes estatais”. Essas críticas chamam atenção para o paradoxo entre o humanitarismo e o militarismo (FASSIN, 2011), conforme identificado e debatido por Vasconcelos e Santos (2020) no contexto da migração venezuelana.

Como mencionado, para o Estado brasileiro estes eventos são vistos pela ótica da emergência, o que instaura uma atmosfera constante de estado de exceção. Inclusive, no momento da escrita deste artigo, há um novo motivo para

a manutenção desse clima, a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que serviu de justificativa para o “fechamento” da fronteira Brasil-Venezuela<sup>7</sup>. Este cenário é mais do que o pano de fundo para as narrativas aqui apresentadas: trata-se de uma breve apresentação das forças que compõem esse cenário complexo, caracterizado pelas suas rápidas transformações e intensas dinamicidades, o que impede que trabalhos acadêmicos como este artigo possam retratar paisagens duradouras. Temos como marco, estável ou não, a instauração de múltiplas tecnologias de administração, nem sempre uníssonas, desses sujeitos em trânsito. Em certa medida, remonta-se às características de uma sociedade normalizadora, como a descrita por Foucault (2014, p. 156), entendendo-a como “o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida”.

### 3 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A principal forma de acesso ao campo foram entrevistas que se deram de forma aberta e sem roteiro pré-estruturado. As conversas foram gravadas por um dispositivo tecnológico e em seguida transcritas. O acordo foi mediado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que especificou as implicações da participação voluntária na pesquisa. Reinaldo foi entrevistado presencialmente em janeiro de 2020. Ángel e Manuel foram entrevistados de forma virtual em setembro do mesmo ano. Esta adaptação foi necessária em virtude da pandemia e da necessidade de medidas de isolamento social como forma de contenção dos danos que o vírus pode causar. Entramos em contato com os três interlocutores através de nossa própria rede pessoal e os convidamos após certificar-nos de que se identificavam como venezuelanos e “homossexuais/gays”. O que os “une”, portanto, é: 1) a autoidentificação tanto nacional quanto sexual; 2) estarem residindo em Boa Vista.

A seguir serão apresentadas três seções dedicadas a cada uma das entrevistas realizadas. Não tivemos como objetivo produzir uma análise esgotante sobre o processo de migração dos três entrevistados, mas, sim, apresentar as conversas que tivemos e organizar as ideias fiadas a partir delas. Optamos em preservar a ordem “temporal” dos três textos. O único motivo desta organização é que, na formulação dessas reflexões, comparamos a entrevista de Ángel com a entrevista de Reinaldo, e a entrevista com Manuel com as duas primeiras. Percebemos que, em certa medida, a entrevista anterior foi estruturando e fornecendo referências importantes sobre quais perguntas fazer ou não na entrevista seguinte.

### 4 OVELHA ARCO-ÍRIS

Alguns meses depois de conhecer Reinaldo em um projeto em que trabalhamos juntos, o encontramos novamente em uma mesa de bar com amigos em comum. Nessa noite, comentamos com ele sobre a pesquisa e ele nos disse

algumas coisas sobre a experiência de ser “gay” e “migrante”. Falou que, quando seus pais vêm para Boa Vista, ele tenta “poupá-los” da sua “homossexualidade”. Aproveitando o assunto, convidamos-lhe para participar da pesquisa.

No dia que nos encontramos, começamos a entrevista falando sobre o momento em que ele “saiu do armário”. Reinaldo disse que se considera “fora”, mas explicou que, sobretudo no contexto familiar, ainda se depara com uma série de restrições. Afirmou que seus pais são “cristãos” e isso lhe trazia um peso no período em que morava com eles na Venezuela. Além de não “poder ser ‘gay’”, não podia ter *piercings* e tatuagens. Reinaldo se vê como diferente do que seus familiares esperam ao referir-se como “a ovelha arco-íris”<sup>8</sup> da família. Há duas potentes ressignificações nessa forma de reconhecimento: a primeira, é que se recusa a utilizar o termo “ovelha negra”<sup>9</sup>; e a segunda, é que afirma um lugar de orgulho por ser a exceção dessas expectativas familiares e sociais<sup>10</sup>.

Reinaldo passou a morar definitivamente em Boa Vista em 2017, com 24 anos, mas passava alguns meses no Brasil e voltava para Venezuela desde 2014. Veio através de uma conexão com uma família brasileira, que o incentivou a vir por conta da ideia de que aqui ele encontraria mais oportunidades de emprego por falar inglês. Portanto, o trabalho aparece como motivação principal da vinda de Reinaldo para o Brasil.

Além do fator trabalho, há um outro elemento que, de acordo com ele, propiciou seu deslocamento: ele sofreu uma tentativa de sequestro na Venezuela. Após o episódio grave de violência, Reinaldo experienciou um estado pós-traumático de medo muito intenso que o afetou profundamente e trouxe prejuízos no âmbito do trabalho e dos estudos. Foi nesse momento que uma senhora brasileira, amiga dos pais de Reinaldo, que na Venezuela passava suas férias, o convidou para morar definitivamente no Brasil. Alguns meses antes, havia tentado se estabelecer no Panamá, mas não conseguiu manter sua estadia. Evidenciam-se então dois fatores que o fizeram migrar: a expectativa de melhores oportunidades de emprego no Brasil e a ideia de fugir da violência que o cercava.

Apesar da intenção de escapar da violência, desta vez, por ser lido como “estrangeiro”, passou a se deparar com novas formas de violência no Panamá e no Brasil. Sobre isso, ele conta que, mesmo tendo conseguido um bom emprego na área de hotelaria no Panamá, acabou sendo demitido por medidas xenofóbicas do governo panamense. Pensou no Brasil porque talvez seria um país que estaria recebendo menos pessoas venezuelanas. Logo quando se “regularizou”, foi à procura de empregos em Boa Vista. Apesar de ter distribuído dezenas de currículos, só foi chamado para uma entrevista, e, a despeito de sua qualificação e aptidão para o cargo, acabou sendo descartado por conta de sua nacionalidade. Como relata, assim que o entrevistador percebeu no seu currículo que era venezuelano, disse que a entrevista havia acabado e que em breve ligaria para ele, mas nunca lhe telefonou.

Sobre suas experiências sexuais e afetivas, Reinaldo percebe-se mais “livre” desde que passou a morar em Boa Vista. Ele enfatiza o fato de poder andar de mãos dadas com seu namorado aqui, coisa que não fazia na Venezuela. Um fator

importante para essa análise é que Reinaldo não se considera “visivelmente homossexual”. Além disso, ele afirma que a sua situação é diferente “dos outros venezuelanos” que chegaram a Roraima nos últimos anos. Tem ciência desta diferença do ponto de vista da classe, pois afirma que na Venezuela a situação econômica de sua família era “meio alta” e fazia viagens internacionais duas ou três vezes por ano até 2016. Sua trajetória de migração é apontada por ele como diferente, considerando que, por conta dos amigos dos pais que o acolheram, “nunca ficou em abrigos ou nas ruas”.

Ademais, considera-se divergente dos demais pelo “enfoque que dá aos estudos” e por “uma busca por autonomia e independência”, que não percebe nos/nas demais venezuelanos/as que estão em Boa Vista. Reinaldo ainda menciona que, quando resolveu morar definitivamente no Brasil, decidiu evitar ao máximo manter contato com pessoas que também falassem espanhol para que aprendesse português o mais rápido possível. Enxerga-se como “acima da média”, e, em determinado momento da nossa conversa, falou sobre uma dificuldade que tem em fazer amizade com outros venezuelanos, o que ele mesmo denomina de “autoxenofobia”. O que pode de certa forma estar atrelado a um esforço de diferenciação que envolve a repetição de ideologias, mas também pode ser compreendido como uma tática de resistência. Sua fala possui muitos elementos de um discurso neoliberal, contra políticas de assistência e a favor de valores meritocráticos. Nela, Reinaldo corrobora o discurso corrente de muitos brasileiros locais de que “venezuelano não quer trabalhar”, mas não questiona a situação de precarização das relações de trabalho a que estão expostos os/as migrantes, como apura Vasconcelos (2018), mesmo diante de sua própria dificuldade de inserção no mundo do trabalho.

Para além de uma mera reprodução ideológica, consideramos mais preciso compreender essas manifestações como uma forma de camuflagem. No caso da entrevista de emprego, ele não foi percebido imediatamente como venezuelano, o empregador só percebeu isso ao ver seu currículo. Ou seja, percebemos que essa camuflagem pode protegê-lo no que diz respeito à sua identidade sexual, mas também no que diz respeito à nacionalidade. O uso do termo parece apropriado por aludir ao visível e ao performativo. Sob a camuflagem da identidade nacional, é possível encontrar relação com uma percepção de Vasconcelos (2018) sobre os/as venezuelanos/as que migraram para o Brasil. De acordo com ela: “os/as venezuelanos/as em Boa Vista tentam chamar pouca atenção para suas diferenças e, de certo modo, adquirir uma certa ‘brasilidade’ como tática de inserção no mercado de trabalho” (VASCONCELOS, 2018, p. 147).

## 5 UM POUCO MAIS LIVRE

Em algum momento em 2019, passamos a seguir Ángel em uma rede social digital e, vez ou outra, nos deparávamos com suas fotos. Chamavam a nossa atenção suas fotografias, usava maquiagens muito coloridas e elaboradas. Com as mudanças ocasionadas pela pandemia, nos vimos obrigados a repensar as

formas de acesso ao campo e optamos por realizar entrevistas on-line, por meio de videochamadas em um aplicativo. Lembramo-nos de Ángel, considerando que já tínhamos esse canal de contato mais ou menos estabelecido e o convidamos para uma conversa. Marcamos um horário e, em seu local de trabalho, um salão de beleza em Boa Vista, ele nos atendeu. Ángel nos disse que é de Caracas, capital da Venezuela, e tem 21 anos. Logo falou sobre suas metas profissionais e sobre seus sonhos. Na Venezuela, trabalhava com estética feminina, no Brasil também trabalha nessa área. Está no Brasil com seu irmão mais velho e seu namorado brasileiro. Esse irmão chegou primeiro e o incentivou para vir também, considerando as oportunidades de trabalho. Logo percebemos em sua fala que centraliza o trabalho como o fator que desencadeou seu processo migratório, assim como no caso de Reinaldo.

Conta que, desde sua chegada, ficou onze meses sem emprego até ser contratado por um salão de beleza, que fechou devido à pandemia, mas, logo em seguida, foi contratado novamente por outro salão. Ángel utilizou-se das redes sociais como uma forma de se afirmar profissionalmente, o que lhe garantiu uma recomendação para contratação. É notável também um investimento em qualificações profissionais com um objetivo bem definido de se inserir no mercado de trabalho.

Ángel disse que se sente “um pouco mais livre em Boa Vista do que na Venezuela”, o que parece representar um status em que ele percebe mais possibilidades de expressões identitárias e “menos críticas e preconceitos”, mas, ainda assim, percebemos que se trata de uma situação de limitações. É comum que análises sobre processos migratórios de pessoas dissidentes do ponto de vista sexual e de gênero recaiam em uma lógica binária de libertação que Luibhéid (2019) nomeia de “narrativas liberacionistas”. Seguindo essa perspectiva, percebemos como as violências baseadas na sexualidade não se encerram no momento em que o sujeito atravessa uma fronteira internacional, especialmente no caso dessa fronteira entre Brasil e Venezuela. Contudo, é notável que Ángel não deseja retornar à Venezuela. Inclusive revela o desejo de conhecer o Rio de Janeiro, o que não foi possível ser concretizado por conta da pandemia. Um ponto sobressalente em nossa conversa foi o apreço que desenvolveu pela cultura brasileira, inclusive disse que iria dançar na festa junina, mas foi um plano igualmente interrompido pela pandemia.

Dentre muitas reflexões possíveis a partir dessa conversa, uma delas merece especial atenção. Diz respeito ao dispositivo de “regularização” pelo qual Ángel optou. Ángel disse que é “solicitante de residência”. Perguntamos a ele por que não quis solicitar refúgio, considerando que ter uma orientação sexual ou gênero dissidente tem sido entendido como uma fundamentação válida para a solicitação deste status, como demonstra França (2017) em seu trabalho sobre a emergência do “refugiado LGBTI” como sujeito jurídico no universo institucional do refúgio nas duas últimas décadas. Na fala de Ángel, surge como o primeiro motivo para a não solicitação de refúgio a liberdade para retornar quando desejar

para a Venezuela, que é impossibilitada nesse tipo de status. Um outro motivo parece estar associado a um certo estigma que Ángel presumiu que enfrentaria caso solicitasse refúgio. Como explica ele:

Eu acho que chegaram a falar assim “ele tem direito a refúgio” uma coisa assim. Um pouco baixa. Se me perguntarem “qual tipo de documento?” Aí eu responderia “refúgio”, aí ficaria tipo... (silêncio). Porque eu já vi pessoal fazendo isso. “Aí ele é refugiado”. “Ele mora em abrigo”. E eu não moro em abrigo (Ángel, 2020).

Surge, portanto, um importante elemento a respeito das discussões sobre o refúgio, que seriam as representações que este dispositivo de proteção jurídica passa a ter no contexto da migração venezuelana. Nesse caso, Ángel enfatiza que não mora em abrigo, e que mora em um apartamento alugado. Em certa medida, as falas de Ángel nos remetem à entrevista com Reinaldo, uma vez que ambos demonstram a intenção de se desvencilharem das representações negativas sobre venezuelanos/as que permanecem em abrigos ou que não estão inseridos no mercado de trabalho. Contudo, mesmo residindo em um apartamento alugado com seu irmão, Ángel não está protegido das discriminações pelas quais as pessoas venezuelanas passam na região. O entrevistado relata um episódio no qual foi agredido por um policial brasileiro, ao ser acusado de roubo de uma motocicleta. Narra que ele e seu irmão foram incriminados por conta do idioma<sup>11</sup>. Assim como Reinaldo, Ángel também fala sobre um esforço para aprender o português. Ambos se inserem em grupos brasileiros e de certa forma buscam se “implantar” no novo idioma. Durante a entrevista, ele afirmou que não posta em suas redes sociais vídeos falando, por vergonha do seu sotaque espanhol e por um receio de que as pessoas o inferiorizem por conta disso.

## 6 SOMOS IRMÃOS

Conhecemos Manuel por meio de um amigo em comum. Esta entrevista foi realizada virtualmente pelo mesmo motivo da anterior. Manuel se apresentou falando sobre sua cidade de origem, Margarita. Falou sobre a *calidad*<sup>12</sup> de sua cidade. Sem delongas, abordou o momento em que decidiu partir para o Brasil, há dois anos e meio. Disse ele:

A gente pensou em ir embora da Venezuela porque a situação do país tá tudo ruim... antigamente a gente era feliz, era livre de tudo, se tu queria sair e estudar, sair pra outro país. Tinha liberdade de tudo. Agora é diferente. Tudo trocou. Eu lembro que quando eu tava mais pequeno era um mundo diferente, agora como tá, eu nem *reconozco*

meu país. Aí... essa *situación*, aí a gente trocou tudo, trocou *su manera de vivir*, trocou tudo, tudo, tudo, tudo... Tudo *cambió* na vida. Aí a gente *tuve* que sair a fora. Você tá entendendo, né? (Manuel, 2020).

Quando Manuel fala “a gente”, se refere a ele e seu namorado, também venezuelano, que o acompanha desde antes de partirem para Boa Vista. Durante as conversas que antecederam a entrevista, Manuel havia explicado que, durante o traslado, ele e seu companheiro se apresentavam como irmãos, por medo de retaliações.

Assim como Reinaldo e Ángel, ao elaborar o motivo que “disparou” seu processo migratório, o trabalho também ganha uma certa centralidade. Manuel trabalhava em uma ótica e relata que estava ascendendo financeiramente em um período em que a Venezuela era “um país livre”. De acordo com ele, nessa época: “Tu tinha tudo, tu podia pegar tudo, tu tinha todas as possibilidades”. Mas isso começou a mudar. Como explica:

Aí quando começou a situação do país, a trocar tudo, a *cambiar* um estado político a outro, tudo acabou. De três salários eu passei a dois. De dois salários eu passei a um. Chegou um momento que não dava mais conta pra pagar estudos, pagar aluguel, pagar energia [...]. Aí quando começou a faltar tudo isso, a gente começou a pensar “a gente tem que ir embora”, a situação do país não tá boa. Aí minha alimentação, eu sou uma pessoa assim, eu não sou rico, mas minha alimentação era de rico, eu tinha toda a possibilidade de pegar qualquer comida, eu gosto de comer muito, então de 80 quilos, eu passei a pesar 60 quilos, eu comecei a não comer bem, já não era a mesma comida, a gente ia pro supermercado e não era mais pegar a comida que tu gosta, frango que tu gosta, era pegar o que as pessoas falavam, “não... isso aqui é o que tem, e é isso aqui que tu vai levar”, então passou a situação do país, que já não dava, eu conheci meu namorado, eu falava pra ele “menino, eu tenho que ir embora”, eu tenho que ir embora, se eu fico aqui, eu vou morrer (Manuel, 2020).

Nesse momento da entrevista recordamo-nos de quando conversamos com Ángel, ele também havia mencionado o recente ganho de peso, obtido em Boa Vista, com muita alegria. Assim como na narrativa de Reinaldo, o medo da morte também surge como um fator disparador. Percebemos a morte como algo contínuo nas três narrativas, e que a mesma mobiliza e imobiliza em muitos sentidos, simbólicos e materiais. Aqui nós a compreendemos não como o simples fim de um organismo, como preconiza a concepção biomédica, mas como uma força que pode operar simultaneamente com a vida no cotidiano, de formas específicas e concretas, conforme propõem Han e Das (2015).



Manuel e seu namorado ficaram em dúvida entre Colômbia e Brasil, no entanto, decidiram vir ao Brasil por conta da proximidade geográfica, já que viviam em Margarita. Manuel conta que geralmente as pessoas venezuelanas preferem Colômbia por conta do idioma, uma vez que na Colômbia também se fala espanhol, e “aprender português é difícil”. Desde que partiram, ele disse que sentiu muito medo e que o “translado foi horrível”:

A verdade é que quando a gente chegou a Pacaraima, a gente não *tuve* conhecimento de nada, eu acho que também foi por temor, porque assim, a gente ficou com medo, eu não sei se a gente ficar sem falar nada, ninguém dá visualização que a gente é *gay*, tá entendendo? Aí a gente ficava sério porque a gente ficava com medo de preconceito das pessoas (Manuel, 2020).

Neste momento, a ideia que propomos de “camuflagens”, identificada como uma tática de resistência, parece ser um elemento-chave para compreender essas experiências interseccionadas. Manuel relata ter observado muitas pessoas identificadas como transexuais serem violentadas no percurso, e que sentia muito medo de ser acometido pelas mesmas violências. Portanto, decide apostar na performance de uma “seriedade” para não ser identificado como “homossexual”. A construção verbal: “se a gente ficar sem falar nada, ninguém dá visualização que a gente é *gay*” vai ao encontro do que havíamos percebido, nas duas primeiras entrevistas, sobre este jogo de identificação visual.

Conversamos sobre o documento com o qual Manuel decidiu se “regularizar” frente ao estado brasileiro. Ele optou por ser solicitante de residência, assim como Ángel. Sustenta sua decisão também considerando que se solicitasse refúgio estaria impossibilitado de retornar ao país onde alguns de seus familiares, os mais velhos, ainda se encontram. Como melhor explica: “Se eu pego refúgio, é praticamente a pessoa que tá saindo, e não vai poder voltar, tá entendendo? Eu tenho esperança de voltar ao meu país. Visitar, ir lá. Porque a verdade é que não estou querendo voltar mais, eu gostei muito do Brasil”.

Um elemento crucial surge na fala de Manuel. Ele afirma ter medo de ser *señalado* ao receber algum benefício das organizações humanitárias, específico para pessoas identificadas como “LGBTI”. “*Señalado*” é uma palavra muito representativa para simbolizar um risco considerado por Manuel e por seu namorado durante o deslocamento. Em português pode significar ‘indicado’ ou ‘marcado’. Como é possível perceber no trecho a seguir:

A maneira de tratar a eles [pessoas LGBT] era muito diferente da maneira de tratar pessoas hétero, aí a gente: “não, a gente tem que fingir”. Só pra tu ter um exemplo, quando a gente chegou no Brasil, a gente tinha mais

colaboração falar que meu namorado e eu éramos irmãos, as portas abriam mais. Mas se falávamos que éramos *pareja*, enamorados, era difícil. Aí a gente olhou rápido, e adaptou rápido. Mas é um processo, é um processo que a gente passa. A verdade é que é um pouco difícil, sabia? É... Dá muito medo. A gente falar “não, eu quero um benefício de organização LGBT, dá medo, pra mim dava medo, porque assim, se não sou bem recebido, se tem preconceito, vou ser *señalado*”. Então fiquei com muito medo. Aí a gente não quis falar nada (Manuel, 2020).

Este é, provavelmente, um desafio para a implementação de políticas públicas de proteção para essas pessoas e também diz respeito a um dos motivos para a não adesão a essas políticas. Resta aos possíveis beneficiários/as questionarem-se se os benefícios compensariam a diferenciação que o uso desses dispositivos produziria no contexto social em que estão inseridos/as. Isto remete ao que Fonseca (2020) percebeu acompanhando suas três interlocutoras venezuelanas na cidade do Rio de Janeiro. Em sua pesquisa, percebeu que há por parte delas uma avaliação de cada situação, especialmente quando envolve alguma pessoa que supostamente poderia decidir algo em suas vidas, no que ela chamou de cálculo entre riscos e benefícios.

Quando perguntamos se o medo era de serem discriminados por pessoas brasileiras ou por venezuelanas, ele responde o seguinte:

A verdade é que a gente não *tenia* tanto medo de falar que a gente é *gay* não é porque *sean* brasileiros. Tanto venezuelanos, quanto brasileiros, têm muito preconceito ainda, apesar de que já tenhamos avançado, já passamos no século 21, já estamos muito adiantados nesse processo, apesar de que há muito preconceito. Há pessoas que não gostam. Assim, a gente fica saindo, a gente fica com medo de pegar mão, de ficar juntos, de ficar beijando, porque outra pessoa só olhar, a gente sente, essa *mirada*, essa *mirada* profunda que eles dão pra gente (Manuel, 2020).

Este trecho, corroborando alguns elementos das entrevistas anteriores, leva a crer que a violência contra o sujeito “homossexual” não parece necessariamente se organizar a partir de fronteiras entre os Estados-nações. Nesse momento da pesquisa, mostrou-se infrutífero estabelecer comparações entre os dois territórios, Brasil e Venezuela, na perspectiva da sexualidade. As três narrativas trazidas apontam para uma continuidade tanto identitária, no sentido de que os três entrevistados já se identificavam como homossexuais ou “*gays*” antes de virem a Boa Vista, ainda que o processo migratório tenha trazido “desconstruções” e transformações significativas nesse campo subjetivo. Mas a

principal continuidade é encontrada na violência contra este sujeito visto como “gay” ou “homossexual”. Como denuncia Manuel, pode ser empreendida tanto por pessoas venezuelanas quanto por pessoas brasileiras.

Decidimos perguntar a Manuel se ele havia ficado em algum abrigo. Respondeu que não, e que “Boa Vista tá saturada, tem muita gente venezuelana”. Disse que:

Só que o que acontece, pra tu entrar num refúgio, tu tem que passar cinco dias numa praça, passando fome, passando chuva, passando muito trabalho, então ficar cinco dias parado, só pra ter um refúgio, pra ter uma ajuda, não dá pra mim. Eu falei “não, a gente tem que andar, a gente tem que procurar, tem que bater à porta, e perguntar ‘ei, você precisa que eu limpe sua casa?’. Sabe? A gente começou assim. Nesses três dias que a gente morou na rua. A gente limpou casa, limpou fogão, limpou quarto, como tudo de serviço (Manuel, 2020).

Em seguida seu discurso se assemelha de forma pungente ao de Reinaldo sobre pessoas que residem em abrigos. Afirmou o seguinte:

Assim que a gente foi sobrevivendo. Porque assim, o que acontece, é que todo benefício, toda oportunidade de benefício pra pegar dinheiro, dá muito fácil, eu vou pra falar pra você, refúgio, só pra você ter uma ideia. Se eu te falo: “ai amigo, quantos anos você tem em um refúgio?” e você fala pra mim “dois anos, um ano”. O que tu pensa? O que tu pensa disso? Uma pessoa um ano no refúgio [...] Sabe o que eu acho pra mim. Que é corrupção. É uma pessoa que só tá esperando viver de governo, porque assim, refúgio pra mim é um refúgio que você vai dar pra uma pessoa um mês, dois meses, *mientras* essa pessoa se adapta ao país, *mientras* essa pessoa se adapta à sociedade, tá entendendo? Aí nesse processo tem que procurar trabalho. Tem que procurar ir embora (Narrativa 03: Manuel, 2020).

Ambos se mostram desfavoráveis à “decisão” das pessoas de permanecerem “por mais tempo” na condição de abrigo. Isso pode se dar por muitos motivos. Uma possível interpretação poderia demarcar que esta pode ser uma forma de se diferenciar de um tipo de migrante indesejável, que seria o migrante que necessita de benefícios assistenciais.

A antinomia entre “migrante desejável” e “migrante indesejável” pode oferecer perspectivas interessantes para compreender essas falas de Manuel. Percebemos um esforço em defender que o migrante venezuelano pode, sim, “ser desejável”, e que pode contribuir para a sociedade brasileira através do

trabalho, quando ele fala, por exemplo: “A gente é gente trabalhadora, e a gente vai fazer a diferença, a gente vai melhorar o Brasil”. Dentre muitos valores apontados como neoliberais, um dos principais é o trabalho como algum tipo de ritual que torna a pessoa digna e respeitável. Esse esforço empreendido por Manuel corrobora a percepção de Sayad (1998, p. 54) quando afirma que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”.

## 7 ENTRECruzando AS NARRATIVAS

Nesta seção, apresentaremos alguns dos temas que perpassaram as três entrevistas, na intenção de entrecruzar as narrativas colhidas. Com isso, não pretendemos equivaler as experiências dos três entrevistados ou defender a existência de um núcleo ou mesmo características internas iguais por natureza entre eles. O objetivo é ampliar o alcance das ideias para uma escala mais abrangente e tentar apontar para outros caminhos a serem pensados ou investigados, investindo na ideia central deste estudo de considerar a sexualidade como uma categoria relevante para os estudos sobre migrações e mobilidades entre fronteiras nacionais.

Um dos pontos que conectam as três histórias é que todos eles se reportam ao trabalho na formulação do motivo para “iniciar” o processo migratório. Nesse sentido, parece-nos importante as críticas feitas aos estudos migratórios tradicionais, que tendem a compreender o migrante essencialmente como um “trabalhador heterossexual” (TEIXEIRA, 2015; LUIBHÉID, 2019), mas, ao mesmo tempo, não se pode ignorar que o trabalho possui uma certa gravidade em algumas trajetórias, mesmo de pessoas que não se encaixem nesse padrão de heterossexualidade. Ainda assim, o movimento analítico de problematizar os estudos migratórios tradicionais traz *insights* significativos, mesmo porque, ainda que o sujeito seja compreendido somente como “trabalhador”, relações de poder ligadas à sexualidade estão intimamente impressas no âmbito do trabalho. Mesmo que o trabalho permaneça entendido como uma categoria central, é necessário questionar: quem seria o trabalhador ideal? Sobretudo considerando contextos de trabalhos precarizados que costumeiramente as sociedades receptoras destinam aos imigrantes (SAYAD, 1998).

Como aparece principalmente na fala de Manuel, mas é também perceptível na fala de Ángel e Reinaldo, o trabalho, além de um fator “disparador”, é também a forma pela qual suas presenças na “sociedade brasileira” passam a ser validadas. Neste sentido, vai ao encontro da ideia de Sayad (1998, p. 55) que afirma que “um imigrante que só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho”. Entretanto, como pontua Halberstam (2011, p. 95) para a lógica capitalista, o sujeito demarcado como “homossexual” seria

aquele que falha em incorporar conexões entre produtividade e reprodução. O que permite vislumbrar alguns dos muitos entraves que se situam na complexa relação entre trabalho, sexualidade e imigração.

Consideramos pertinente ressaltar as falas a respeito dos “outros” migrantes que estão em situação de abrigo, observadas nas entrevistas com Reinaldo e Manuel. Entendemos este elemento nas falas dos interlocutores como um movimento de se distanciar da ideia de um migrante “indesejável”, que seria moralmente inferior. Trazemos a moralidade como uma dimensão importante para compreender essas dinâmicas, inspirados em Fassin (2011), que aponta como sentimentos morais têm se tornado uma força política, especialmente em práticas e discursos voltados para “desvantajados”, como é o caso das governamentalidades humanitárias.

Vemos similaridades com as postulações de Sayad (1998, p. 91) a respeito das “moradias comuns”. De acordo com o autor, alguns imigrantes desejam se distanciar das moradias tradicionais destinadas aos imigrantes, e isso pode ser interpretado como “um ato de negação, ao mesmo tempo de uma certa forma de moradia e de um estilo de vida que a ela está associada”. Apesar de termos percebido este movimento nos interlocutores, é necessário contextualizar, do ponto de vista político, as representações que têm constituído o que é “ser venezuelano” em Boa Vista, e que, como visto nas entrevistas, não são defendidas apenas pelas pessoas brasileiras. Acreditamos que basta essa contextualização para compreender esse esforço dos entrevistados de não serem vistos “como a maioria”. Mais do que distanciar-se de um estilo, parece-nos uma vontade de distanciar-se de um lugar de suposta “inferioridade moral”.

É importante também mencionar a decisão dos entrevistados de não solicitar refúgio e, sim, “residência temporária”. Como dito por Ángel, o status de “refugiado” pode estar associado a certas representações negativas. E presumimos que isso se reforça no caso do refúgio solicitado por conta da orientação sexual. Como também é percebido nos relatos de Manuel, receber um benefício humanitário em relação à identidade de gênero ou sexualidade pode fazer com que o beneficiário se torne “*señalado*”. Novamente torna-se compreensível que haja um esforço em se distanciar desse lugar de dupla exclusão. Como pontuou Chávez (2010, p. 138), migrantes e pessoas identificadas como LGBTI emergem como uma “ameaça prototípica às fronteiras, em parte porque estas pessoas são percebidas pelo imaginário social nacional como estranhos”.

A partir das entrevistas, evidenciou-se também que os interlocutores, em momento algum, se enxergam como vítimas radicais desses processos de discriminação e violência. Trazemos a ideia de Scott (1989, p. 20) quando afirma que precisamos deixar de compreender o poder social como algo “unificado, coerente e centralizado”. De acordo com Scott (1989, p. 20-21), “no seio desses processos e estruturas, tem espaço para um conceito de realização humana como um esforço (pelo menos parcialmente racional) de construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade dentro de certos limites”. Acreditamos que este conceito de realização humana a que Scott se refere pode

ser percebido como estruturante nas situações trazidas e na forma com que os entrevistados representam a si mesmos e as realidades políticas, sociais e culturais nas quais estão situados.

É certo que uma das principais características do campo construído nesta pesquisa é que entrevistamos três pessoas que, em maior ou menor grau, esforçam-se para se diferenciar de uma suposta “massa” de migrantes. Esta é uma característica que, concluímos, deve ser considerada como um recorte metodológico não planejado, porém determinante. É como se “acidentalmente” tivéssemos acessado um “subgrupo” dentro do grupo “migrantes venezuelanos/as”, que como o próprio trabalho demonstra, não pode ser visto como internamente homogêneo. Como evidenciado, os interlocutores aos quais tivemos acesso buscam, mais ou menos, integrar-se em ciclos sociais brasileiros e distanciar-se de outros migrantes como uma tentativa de, por um lado, borrar as demarcações entre o estrangeiro e o nativo e, por outro lado, ocupar um lugar de maior aceitação na suposta estratificação entre o migrante “desejável” e o “indesejável”.

Em parte, isto acabou impossibilitando alcançar, na análise aqui empreendida, os efeitos de práticas de gestão migratória mais incisivas nos corpos e subjetividades, sobretudo considerando como as experiências de diversidade sexual e de gênero têm sido administradas em esquemas de gestão particulares<sup>13</sup>. Para exemplificar, observamos o documento, publicado pelo ACNUR ‘A economia de Roraima e o fluxo venezuelano’, que postula que “homossexuais” têm sido compreendidos como um dos grupos de pessoas “vulneráveis”, assim como as mulheres. E que, portanto, as demandas assistenciais desses sujeitos seriam mandatos de “agências internacionais especializadas como ONU Mulheres e UNFPA” (ACNUR, 2020, p. 54). Entrevistar pessoas que, em maior ou menor grau, se distanciam ou até mesmo rejeitam práticas e instituições humanitárias impossibilitou olhar para essas dinâmicas entre gênero, sexualidade e gestão migratória que consideramos importantes nesse campo, sobretudo para compreender também as possíveis redes de apoio ou de proteção que se contrapõem às violências contra essas pessoas.

Outro ponto que gostaríamos de destacar está relacionado à urgência do investimento em novos modos de desafiar as normatividades, buscando formas de transcender, desnaturalizar e historicizar o que entendemos por Estado nacional. De acordo com Halberstam (2005), noções heteronormativas sobre a instituição familiar carregam conexões com o desejo pela estabilidade nacional e com a necessidade de constituir novos “cidadãos” que perpetuem e estabilizem uma continuidade nacional. Estas conexões entre nacionalidade e sexualidade nos parecem muito oportunas e produtivas do ponto de vista analítico, ainda que sejam raras e não necessariamente evidentes, especialmente em momentos históricos e políticos em que o nacionalismo toma força e articula práticas e discursos de violência em direção às pessoas vistas como “outras”.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar essas experiências interseccionadas leva a resultados singulares e oportunidades próprias de desafiar as epistemologias tradicionais das ciências sociais. Cabe afirmar que as ideias aqui apresentadas surgiram por meio de um exercício de suspensão dos moldes disciplinares, e que nos valem da dimensão da experiência e da narrativa para compreender esse universo. Reiteramos a percepção sagaz de Lubihéid (2019) de que os estudos migratórios comumente partem implicitamente do pressuposto de que os migrantes são heterossexuais e os estudos sobre gênero e sexualidade frequentemente partem do pressuposto de que as pessoas que não se identificam como heterossexuais e cisgênero possuem uma nacionalidade e estão em “seu” território nacional. Nesse sentido, concluímos que o investimento em estudos interdisciplinares que interseccionem migração com diversidade de gênero e sexualidade podem oferecer contribuições muito valiosas e revelar talvez menos sobre os “objetos” investigados e mais sobre as limitações das próprias ferramentas tradicionais de pesquisa.

Neste artigo, tentamos articular sexualidade e mobilidade a partir da análise de três entrevistas. Constatamos como a experiência de dissidência sexual e nacional tende a lançar o sujeito a um lugar de alteridade e exposição a violações de diferentes tipos. Diante disso, os interlocutores apresentam diversas táticas para sobreviverem como se “camuflarem” ora como “brasileiros”, ora como “heterossexuais”, mobilizando esforços para se distanciar do lugar de possível inferioridade moral que pode ser atribuída ao sujeito lido como “homossexual” e “imigrante/refugiado” na região. Resumidamente, as narrativas e reflexões aqui reunidas mostram que, em muitos tempos e espaços, não há motivos para se afirmar ativamente como essa existência de “migrante” e “gay”, vista duplamente como ameaçadora, como evidenciado em diversos momentos do artigo. Delineando como talvez o principal “achado”, enfatizamos que nos deparamos com um tipo próprio de sabedoria pessoal que sistematiza táticas para avaliar quando, como, onde e com quem cabe “ser venezuelano” e “ser gay”. Acentuamos também que este registro é apenas um retrato de várias realidades processuais que estão em constante movimento e transformação. Não consideramos justo que os interlocutores sejam definidos nem pelas entrevistas realizadas, muito menos pelas análises empreendidas. De qualquer forma, não damos esta investigação como algo totalmente encerrado, tendo em vista que consideramos muitas dessas interrogações que guiaram a pesquisa e novas interrogações que foram surgindo no decorrer abertas e incitantes para futuros estudos.

## NOTAS

<sup>1</sup> Neste artigo, compreendemos a homossexualidade não como uma identidade fechada, fixa ou necessariamente estável. Consideramos que essa palavra pode possuir diversos sentidos e ser apropriada de incontáveis formas nas experiências dos sujeitos e em diferentes circunstâncias. Os interlocutores apresentavam-se como “homossexuais” ou “gays” no período das entrevistas, por isso tratamos os dois termos como em certa medida equivalentes, ainda que possuam etimologias distintas. Compreendemos que este é um enquadre contingente, em consonância com o entendimento de Foucault (1981) e de Fry e McRae (1986), quando acentuam o caráter cultural, político e variante da “homossexualidade”, em detrimento de uma suposta verdade intrínseca e essencial.

<sup>2</sup> Para um aprofundamento sobre experiências de mulheres venezuelanas em Boa Vista, com foco em suas trajetórias, dilemas e anseios, ver Oliveira (2020). Para uma análise de experiências migratórias de “mulheres não cisheterossexuais venezuelanas”, com interlocutoras que identificam como trans ou lésbicas, ver Fonseca (2020).

<sup>3</sup> Nomes fictícios, para preservar as informações pessoais dos entrevistados, conforme acordado por meio do Termo de Consentimento Esclarecido e Livre (TCLE).

<sup>4</sup> Esse artigo é um desdobramento da dissertação ‘Dissidências em entrelace: narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima’ defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, escrita pelo autor, orientada pela coautora desse artigo. Agradecemos à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Isadora Lins França e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Francilene Rodrigues pela participação na banca de qualificação e na banca de defesa. Sem as valiosas contribuições de ambas esse trabalho não poderia ter sido desenvolvido. Agradecemos igualmente à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Silvia Costa, Prof<sup>o</sup> Dr. Lázaro Fonseca Batista, Prof<sup>a</sup> Mariana Cunha Pereira e ao Prof<sup>o</sup> Dr. Marcos Antônio Braga (*in memoriam*) por apontamentos e diálogos importantes no decorrer da pesquisa. Agradecemos à Iaci da Costa Jara, pela leitura atenciosa e pelos apontamentos muito construtivos para a elaboração deste artigo.

<sup>5</sup> Essas informações constam no site do Exército Brasileiro. In: EXÉRCITO BRASILEIRO, “Operação acolhida”. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/operacao-acolhida>>. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

<sup>6</sup> Essas informações estão no artigo de Sérgio Ramalho. In: RAMALHO, Sérgio. “Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>>. Acesso em: 21 de jun. de 2020.

<sup>7</sup> Quanto a este assunto, consideramos as discussões de Agamben (2007) a respeito do estado de exceção como uma técnica de governo utilizada nos Estados-Nações.

<sup>8</sup> É válido ressaltar que as cores do arco-íris são popularmente utilizadas para representar a diversidade de gênero e sexual, inclusive a bandeira que comumente representa as pessoas “LGBTI” (ou outras variações da sigla) é composta pelas cores do arco-íris.



<sup>9</sup> Provavelmente porque assim como em expressões como “lista negra” “inveja preta” “mercado negro” o adjetivo vem com uma conotação racista.

<sup>10</sup> Ruiz (2011) em uma pesquisa sobre o imaginário social venezuelano sobre a homossexualidade a partir da imprensa escrita no país constatou que os assuntos ligados ao que ele chama de “colectivo LGBTI” foram considerados de segunda ordem para o Estado venezuelano. Constatou também que as mudanças no campo jurídico recentes no momento da pesquisa não foram suficientes para mudar como a população vê “las minorias sexuales”. Para Ruiz (2011, p. 202), “el reconocimiento de los derechos civiles del colectivo LGBTI está siendo absorbido por el control del Estado autoritario, el dominio heteronormativo y las marcas de la Iglesia Católica”.

<sup>11</sup> “Era uma vila que eu morava com meu irmão. Aí a polícia chegou lá. Dizendo que tinha uma moto roubada, aí a polícia chegou lá procurando a moto. Aí como só tinha meu irmão e eu, aí os policiais foram pra cima, e eu não entendia nada, e eu não compreendia nada de português. Aí eles bateram em mim. (Silêncio). Falaram que se eu queria falar em espanhol, eu tinha que ir embora, porque eu não tava na Venezuela. Eles tinham máscara preta. Tudo preto.” (Narrativa 02: Ángel, 2020).

<sup>12</sup> Manuel fala algumas palavras em espanhol, decidimos deixá-las, considerando que a mistura de culturas se manifesta também na língua e consideramos isso como algo muito produtivo. Além do mais o “portunhol”, mistura de “português” com “espanhol”, é um fenômeno linguístico muito particular, que merece ser considerado nas análises de processos sociais nesta região de fronteira.

<sup>13</sup> Para uma abordagem etnográfica sobre pessoas venezuelanas identificadas como “LGBTI” na cidade de Manaus e Roraima, envolvendo reflexões sobre a forma como essas pessoas são geridas e como a “resposta humanitária” têm lidado com as tensões envolvendo convivência e violências entre esse público, ver França e Fontgland (2020).

## REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Venezuela**. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/venezuela/>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.
- ACNUR. **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano**. Disponível em: <[https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-Aeconomia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano\\_compressed.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-Aeconomia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano_compressed.pdf)>. Acesso em: 19 de out. de 2020.
- AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poletti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.
- CARRARA, S. Discriminação, políticas e direitos sexuais no Brasil. In: MONTEIRO, S.; VILLELA, W (Orgs.). **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, p. 143-160.
- CHÁVEZ, K. Border (in)securities: normative and differential belonging in LGBTQ and Immigrant Rights Discourse. **Communication and Critical/Cultural Studies**, v. 7, n. 2, p. 136-155, 2010.

- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- FASSIN, D. **Humanitarian reason**. A moral history of the present. Los Angeles: University of California Press, 2011.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, M. **Da amizade como modo de vida**. Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>>. Acesso em: 20 de Abr. 2021.
- FONSECA, N. A. **Entrecruzamentos entre migração, gênero e sexualidade: experiências de vida de mulheres não-cisheterossexuais venezuelanas e solicitantes de refúgio**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.
- FRANÇA, I. L. “Refugiados LGBTI”: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 50, e17506, 2017.
- FRANÇA, I. L.; FONTGALAND, A. Gênero, sexualidades e deslocamentos: notas etnográficas sobre imigrantes e “refugiados LGBTI” no norte do Brasil. **REMHU**, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, v. 28, n. 59, ago. 2020, p. 49-68.
- FRY, P; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HALBERSTAM, J. **The queer art of failure**. Durham: Duke University Press, 2011.
- HAN, C; DAS, V. **Living and dying in the contemporary world: a compendium**. University of California Press, 2015.
- LUIBHÉID, E. Special Issue on “Migrant and refugee lesbians: Lives that resist the telling”. **Journal of Lesbian Studies**, v. 24, 2019. p. 57-171.
- OLIVEIRA, V. L. de A. **Mulheres migrantes: trajetórias de venezuelanas em Boa Vista - RR**. 2020. 121 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2020.
- RUIZ, N. Significaciones imaginarias sociales sobre la homosexualidad en la prensa escrita de Venezuela. **Psicoperspectivas**, v. 10, p. 202-223, 2011.
- SARMENTO, G; RODRIGUES, F. Entre a acolhida e o rechaço: breves notas sobre a violência e os paradoxos da migração venezuelana para o Brasil. In: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Orgs.). **Migrações venezuelanas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, p. 242-249, 2018.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

TEIXEIRA, M. 'Metronormatividades' nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. **Áskesis**, São Carlos, SP, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2015.

VASCONCELOS, I. dos S. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. 2018. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 135-151.

VASCONCELOS, I. dos S.; SANTOS, S. A oleada venezuelana. **Cadernos de Campo** (São Paulo 1991), v. 29, n. supl, p. 94-104, 31 jul. 2020.

## RESUMO

Nas experiências de pessoas que cruzam fronteiras internacionais, raça, classe e gênero se mostram estruturantes, especialmente para compreender quais pessoas são consideradas “desejáveis” ou não nas “sociedades receptoras”. Neste artigo, nos voltamos para a sexualidade como uma categoria relevante para a análise dessas experiências. Tendo como contexto a cidade de Boa Vista, em Roraima, uma região que tem passado por múltiplas transformações ligadas à chegada de milhares de venezuelanos/as nos últimos anos, buscamos compreender narrativas de venezuelanos que se identificam como “homens gays” (ou “homossexuais”). A partir de entrevistas, notamos como a experiência de dissidência sexual e nacional tende a lançar o sujeito a um estado de alteridade e exposição a violações de diferentes tipos. Observamos também como os interlocutores, em seu dia a dia, mobilizam esforços para se distanciar do lugar de possível inferioridade moral comumente atribuída ao sujeito “homossexual” e “imigrante” ou “refugiado”.

**Palavras-chave:** Homossexualidade; Migração; Sexualidade.

## ABSTRACT

In the experiences of people who cross international borders, race, class and gender are structuring, especially to understand which people are considered “desirable” or not in “receiving societies”. In this article, we turn to sexuality as a relevant category for the analysis of these experiences. With the context of the city of Boa Vista, in Roraima, a region marked by multiple transformations linked to the arrival of Venezuelan people in recent years, we seek to understand narratives of Venezuelans who identify themselves as “gay men” (or “homosexuals”) . Through interviews, we noticed how the experience of sexual and national dissent tends to launch one to a state of otherness and exposure to violations of different types. We also observe how the interlocutors, in their daily lives, mobilize efforts to distance themselves from the place of possible moral inferiority commonly attributed to the “homosexual” and “immigrant” or “refugee” subject.

**Keywords:** Homosexuality; Migration; Sexuality.